

TENDÊNCIAS INVESTIGATIVAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES¹

José Gimeno Sacristán**

RESUMO

Este texto tem por objetivo discutir as atuais tendências investigativas na formação de professores, partindo do pressuposto de que essa formação caracteriza-se hoje por duas tendências: a pós-positivista e a pós-weberiana.

Palavras-chave: tendências pedagógicas, formação de professores, pós-positivismo e educação.

Inicialmente desejo fazer três advertências ou expressar três suspeitas. A primeira é a de que os professores trabalham, enquanto nós fazemos discursos sobre eles. Não falamos sobre a nossa própria prática mas sobre a prática de outros que não podem falar, que não têm capacidade de fazer discursos. Esta situação sociológica, política e epistemológica pode ser uma explicação do que tem sido a investigação sobre professores.

A segunda advertência é de que não é possível falar sobre professores, porque entre minha pessoa e um professor do ensino fundamental há muito poucas semelhanças. Diz-se que fazemos o mesmo tipo de trabalho mas, na realidade, fazemos coisas muito diferentes, a preços muito diferentes, com status muito distintos, com poderes muito diferentes. Isso quer dizer que o fato de o professor da universidade falar sobre o professor em geral, que geralmente é o professor do ensino fundamental, é algo suspeito.

Terceira advertência: quando consultamos os repertórios bibliográficos da produção científica em revistas e catálogos que editam livros sobre nossa especialidade, encontramos o professorado como um dos temas de investigação preferidos. Isso é algo que

não costuma ocorrer com os militares, que não investigam sobre os coronéis, nem com o corpo médico, que não costuma investigar sobre os médicos. É algo que não ocorre, também, com os sacerdotes, que investigam sobre Deus e não sobre os sacerdotes. Isto implica um juízo muito crítico de minha parte a respeito da investigação sobre o professorado. Suspeito que a maior parte da investigação sobre a formação dos professores é uma investigação enviesada, parcial, desestruturada e descontextualizada, que não entra na essência dos problemas.

Essas considerações fornecem as senhas para eu falar do estado da questão em relação à investigação sobre formação de professores. A situação atual da formação e da investigação sobre a formação de professores se caracteriza por dois grandes traços, duas grandes tendências: a pós-positivista e a pós-weberiana.

Como sabem, o pós-positivismo vem depois do positivismo. Positivismo que primeiro foi condutista ou behaviorista, que depois foi cognitivo, e que hoje é predominantemente cognitivista. O pós-positivismo formula alguns juízos bastante aceitos sobre a prática pedagógica. Um dos principais é o de que da “ciência” pedagógica não se pode deduzir a técnica da prática pedagógica. O pós-positivismo nega a possibilidade de que da ciência se deduza a técnica educativa. Quer dizer, a prática educativa não pode ser técnica pedagógica, porque não está baseada no conhecimento científico e, serei muito mais agressivo, não pode estar baseada no conhecimento científico. A prática pedagógica é uma práxis, não uma técnica. E investigar sobre a prática não é o mesmo que ensinar técnicas pedagógicas.

O pós-positivismo apresenta-se em metáforas muito atraentes, como a de converter os professores em profissionais reflexivos, em pessoas que refletem sobre a prática, quando, na verdade, o professor que trabalha não é o que reflete, o professor que trabalha não pode refletir sobre sua própria prática porque não tem tempo, não tem recursos, até porque, para sua saúde mental, é melhor que não reflita muito. Tem-se, pois, a elaboração da metáfora reflexiva, que é a metáfora com mais cotação no mercado intelectual da investigação pedagógica atualmente. E dar importância à metáfora reflexiva significa reconhecer que, se com a reflexão busco a prática, é porque a ciência não a pode me dar. Esta afirmação deveria levar-nos a pensar, a nós que acreditamos estar fazendo ciência.

Outra metáfora muito bonita, muito agradável, tem sido a do

professor investigador em aula, do pedagogo europeu L. Stenhouse: o professor como alguém que indaga, que “busca” em seu próprio âmbito de trabalho. Há outras metáforas, meio cognitivas, meio políticas, como a do professor intelectual, do professor mediador do currículo, do professor autônomo, independente, político-crítico... Todas elas coincidem em um princípio que caracteriza a situação atual: não há conhecimento firme, seguro, que possibilite uma prática correta, porque a prática deve ser inventada pelos práticos. Quer dizer, a prática não pode ser inventada pela teoria; a prática é inventada pelos práticos. O problema é saber o papel que cumpre a teoria na invenção da prática. Além disso, é preciso atentarmos para o fato de que são metáforas criadas pelos que elaboram discursos sobre educação, não pelos que estão trabalhando as práticas em educação.

O segundo grande traço da investigação pedagógica sobre os professores poderia se caracterizar como pós-weberiano, que aborda a crise do pensamento sobre as grandes organizações, a crise de concepção dos sistemas educativos como unidades coerentes e racionais, a crise de que há uma pirâmide já estabelecida que serve para propagar as idéias, as políticas e as inovações, e este modelo weberiano está em crise há algum tempo e, sobretudo, foi acentuado com o neoliberalismo e nas práticas de privatização. A racionalidade do sistema organizativo-educativo não existe como unidade, isoladamente; existe nos centros escolares. Os professores genericamente considerados não existem; existem as comunidades educativas, existem os professores colaborando entre si, como membros de uma comunidade em parte profissional, em parte mística, em parte política.

A descentralização educativa obriga a parcelar o corpo docente, e os países que estão descentralizando estão rompendo as estruturas organizativas do professorado como unidades profissionais reivindicativas e de pensamento. E a entrada do mercado na educação tem roubado, subtraído, a capacidade de racionalização que poderiam ter os professores para dá-las aos consumidores. Na ideologia do mercado, quem manda não é a ciência, quem manda é o gosto do consumidor. E o professor se converte num produtor que faz o que manda o mercado, não o que manda a ciência.

Daí que existam duas grandes correntes – a pós-positivista e a pós-weberiana ou pós-política, como quiserem. Existe um grande enfrentamento entre o discurso elaborado pelo pós-positivismo e a

realidade flagrada pelo pós-weberianismo e as políticas de privatização. Dá-se uma situação paradoxal, lamentável: no momento em que são divulgadas as mais belas metáforas sobre professores, os professores estão em situações laborais, pessoais e de formação bem piores do que já estavam. Os professores não têm uma profissão em ascensão na sociedade atual, nem nos países mais desenvolvidos e nem nos países em desenvolvimento (embora não seja uma forma politicamente correta falar na atualidade em povos subdesenvolvidos). A investigação educativa tem se preocupado com os discursos e não com a realidade que flagra a realidade profissional na qual trabalham os professores e as suas condições de trabalho.

Para avançar um pouco dentro do escasso tempo que temos, proporei uma alternativa ao pós-positivismo e ao pós-weberianismo. É uma alternativa que não é nada útil, nada prática, porque creio que do pensamento não se deduzem técnicas. E como do pensamento não se deduzem técnicas, não quero que pensem que do meu pensamento possa se tirar uma solução. Serei coerente com algumas premissas da visão pós-moderna do conhecimento científico.

A linha que me parece mais conveniente caminhar é a do paradigma do senso comum. Não é esse o mais comum dos paradigmas e nem o mais fácil de divulgar. Não me refiro ao sentido vulgar da expressão "senso comum", mas ao sentido que na trajetória ocidental da filosofia lhe foi dado por filósofos como Tomás de Aquino, Vico e, na atualidade, Gadamer, para os quais senso comum é o sexto sentido que caracteriza o homem e a mulher inteligentes, sábios, atinados, cultos, intuitivos. Refiro-me, assim, a um senso comum bastante culto, não um senso comum vulgar.

Creio que elaboraríamos um discurso mais coerente com a realidade prática dos professores se partíssemos de alguns princípios derivados da Filosofia da Ação e da Sociologia da Ação, partindo daquela idéia de um senso comum culto. Vou apresentar seis princípios:

1o) O primeiro ponto de reflexão, partindo desse entendimento de senso comum, é o seguinte: dadas as características laborais, dadas as condições de trabalho dos atuais professores, os sistemas de formação não podem atrair os melhores produtos do sistema educativo e da sociedade. Já se disse que o drama de educação é que ela não pode aproveitar as melhores pessoas que

saem do sistema educativo para utilizá-las como reprodutoras da cultura no sistema educativo. Os melhores titulados, ao menos em meu país, não costumam seguir os estudos de formação do professorado. Com isso, de um ponto de vista estritamente social, as condições de formação nunca serão as melhores possíveis, como podem ser aquelas dos estudos de medicina, de direito etc. Portanto, em relação à profissionalização dos professores, é um handicap, com o qual se precisa contar, do contrário vem a desesperança.

2o) Ninguém pode dar o que não tem. E se os professores não cultivam a cultura, não podem dar cultura. Se os professores não possuem cultura em profundidade, não podem ensinar cultura nem sequer nos níveis mais elementares. E sobre este princípio elementar há muito pouca investigação. Não tem ocorrido aos pesquisadores analisar os conteúdos culturais dos professores para fazer investigação útil ao professorado. O aspecto prático que se deduz dessa constatação é evidente. Em primeiro lugar, se os professores não são bons profissionais, é preciso que sejam mais bem pagos, melhor considerados e recuperar características de sua profissionalidade. Em segundo lugar, se os professores não podem dar o que não têm, é preciso antes de mais nada que sejam cultos, para poderem dar cultura.

3o) O terceiro princípio desta lista elementar do senso comum, de acordo com a Filosofia da Ação, eu enuncio assim: eu e vocês todos atuamos na prática de acordo como pensamos, mas de uma maneira imperfeita. É o que se poderia chamar o primeiro nível da reflexividade, para usar um termo que é bem atual e que está na moda em determinados âmbitos acadêmicos. Atuamos de acordo com o que pensamos. Mas, atenção: o pensamento não é a mesma coisa que a ciência; os conteúdos do nosso pensamento não são os conteúdos da ciência. É necessário distinguir o "pensar" da ciência. É assim, porque os conteúdos do pensamento se devem à cultura-raiz da qual provém o professorado, não à ciência. Pensar é algo muito mais importante para os professores do que assimilar ciência, porque pensar é algo muito mais complexo do que transmitir ciência. Por suposto, nem sequer as coisas que nós fazemos são ciência. No melhor dos casos, são disciplinas científicas, não ciência. Mas, em qualquer caso, creio que o professor pensa, não de acordo com a ciência mas de acordo com sua cultura.

4o) Em quarto lugar, farei uma afirmação forte: ainda que o pensamento não seja a ciência, pode-se pensar através da ciência;

ela pode servir para pensar. A ciência pode ajudar o pensamento dos professores mas transmitir-lhes a ciência não equivale a que penssem de maneira diferente. O grande fracasso da formação de professores está em que a ciência que lhes damos não lhes serve para pensar. Entretanto, a ciência pode ajudar-nos a pensar. Isto diz respeito ao 2o nível de reflexividade, que ocorre quando a reflexão de alguém muito culto, o cientista, ajuda a reflexão de alguém que realiza um trabalho menos culto.

5o) O quinto princípio diz que o pensamento não explica a ação, o pensamento é parte da ação, mas não é toda a ação. A idéia de que apenas pensamos quando agimos é uma característica do racionalismo ocidental, do cientificismo e do positivismo científico. Mas o pensamento não se reduz à ação. Os professores, por mais que pareça estranho, são pessoas que sentem e querem... não só pensam. Esta é uma verdade muito elementar que tem uma profunda tradição filosófica ocidental. Recordemos que, na Odisséia de Homero, Ulisses quis ser atado à vela de seu barco para não sucumbir ao canto das sereias, apesar de ele saber que não devia fazer caso de que as sereias cantassem. O apóstolo São Paulo, na epístola aos Romanos, dizia: "sei o que devo fazer, faço o mal, conheço o mal e o faço". A Filosofia da Ação e a Psicologia Profunda têm mostrado, ao longo do século XX, que fazemos coisas que não queremos, como fazemos coisas sem saber por que as fazemos. Foi Hanna Arendt, entre outros autores, que sintetizou essa idéia de que a vontade é a grande faculdade esquecida da filosofia ocidental, vítima do racionalismo estreito, parcial. Isso quer dizer que devemos dar bastante importância aos motivos de ação do professorado, pois temos educado as mentes mas não o desejo, não educamos a vontade. Damos conhecimentos mas não educamos os motivos. Para educar é preciso se ter um motivo, um projeto, uma ideologia. Isso não é ciência, isso é vontade, é querer fazer, querer transformar. E querer transformar implica ser modelado por um projeto ideológico, por um projeto de emancipação social, pessoal etc. Os motivos, as motivações do professorado, têm sido um capítulo ausente da formação de professores e da investigação sobre a formação de professores.

6o) O paradigma do senso comum diz que o saber-fazer, o "como", não é uma derivação só do conhecimento, adquirido na formação ou no processo de formação, mas se deve à matriz cultural da qual provém o professor. Isso quer dizer que eu, para

dizer o que estou dizendo agora, não necessito estudar o professorado. O que necessito é saber me comunicar com vocês, manejar a linguagem, as idéias, ser respeitoso com vocês, falar o mais claro possível. É algo que procede do bom senso, da “sensatez”. Por exemplo, o pai e a mãe educam seus filhos e, no entanto, não freqüentam nenhuma faculdade de educação. E alguns pais fazem isso bastante bem. Cada cidadão é capaz de ajudar seus semelhantes sem saber “como” ajudar seus semelhantes. Como disse M. Larson, a forma de ser dos professores é uma forma de comportamento cultural, não uma forma adquirida nos cursos de formação. Isto significa que é muito importante atender às raízes culturais das quais se nutrem os professores, para entender como atuam e por que atuam e como queremos que devam atuar. O fato de a professora ser mulher introduz um viés na profissão docente. O fato de a professora ser da raça negra também introduz um viés na profissão docente etc. Não digo que isso seja negativo ou positivo, mas um viés. Isso quer dizer que o professor, antes de mais nada, é uma pessoa de uma cultura que, quando é culta, ensina muito melhor. E dizer que um professor se nutre das raízes culturais e não da ciência nos obriga a considerar os ambientes de aprendizagem, os contextos nos quais eles surgem e as condições de trabalho em que vai trabalhar.

Para concluir, minha filosofia em relação à investigação sobre a formação de professores se resume em três pontos:

1. Um racionalismo moderado, porque ainda creio na modernidade, no pensamento e na verdade provisional, na ciência provisional, no valor do argumento; mas creio que temos de ser moderados.
2. Educar não só a razão, mas também o sentimento e a vontade. Recordem a máxima de Gramsci: para que a inteligência seja pessimista é preciso o otimismo da vontade. A vontade pode transformar montanhas, quando é forte, bem enraizada e é ajudada pela inteligência.
3. A formação do professor deve considerar o significado daquilo que Pierre Bourdieu discutiu há muito tempo, o habitus, como forma de integração entre o mundo das instituições e o mundo das pessoas. O habitus em educação é mais importante do que a ciência e do que os motivos. O habitus é cultura, é costume, é conservadorismo, mas é, também, continuidade social, e, como tal, pode produzir outras práticas diferentes das existentes.

ABSTRACT

The aim of this essay is to discuss the actual investigative tendencies for the teachers background, since this background is characterized nowadays by two tendencies: the post-positive and the post-weberiana.

KEYWORDS: pedagogical tendencies, teachers background, post-positivism and education.

1* Texto da exposição oral apresentada na 19ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu (MG), em setembro de 1996. Transcrição de gravação e tradução do Dr. José Carlos Libâneo (UCG). A publicação da tradução foi autorizada pelo autor.

** Professor na Universidade de Valencia (Espanha).